
MATERIAIS PLÁSTICOS E ARQUEOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO TERREIRO DA GOMEIA (DUQUE DE CAXIAS/RJ)

PLASTIC MATERIALS AND ARCHEOLOGY: A CASE STUDY FROM THE ARCHAEOLOGICAL SITE OF TERREIRO OF GOMEIA (DUQUE DE CAXIAS/RJ)

MATERIALES PLÁSTICOS Y ARQUEOLOGÍA: UN ESTUDIO DE CASO A PARTIR DEL SITIO ARQUEOLÓGICO DEL TERREIRO DA GOMEIA

Rodrigo Pereira¹

RESUMO

Com o advento do século XXI e a consolidação do uso dos materiais plásticos na cultura material humana, como a arqueologia pode se utilizar destes como fonte de conhecimento sobre o passado? Seja pela sua versatilidade de uso, de suas cores e variabilidade de formas, os plásticos já configuram dentro do registro arqueológico em sítios datados do século XX e assim colocam-se como uma das novas possibilidades de interpretação sobre grupos pretéritos. Objetivamos, a partir de um estudo de caso, descrever formas de utilização deste tipo de material na Arqueologia Histórica brasileira. Assim, analisaremos alguns materiais plásticos recuperados nas escavações arqueológicas em um terreiro de candomblé localizado em Duque de Caxias (RJ) e como eles foram utilizados como meio de datação e percepção de práticas culturais ali desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Histórica; Materiais Plásticos; Registro Arqueológico; Datação; Terreiro da Gomeia.

ABSTRACT

With the advent of the 21st century and the consolidation of the use of plastic materials in human material culture, how can archeology be used as a source of knowledge about the past? Whether for its versatility of use, its colors and variability of forms, plastics already configure within the archaeological record in sites dating from the twentieth century and thus stand as one of the new possibilities of interpretation on past groups. We intend, from a case study, to describe ways of using this type of material in Brazilian Historical Archeology. Thus, we will analyze the plastic materials recovered in archaeological excavations in a candomblé terreiro located in Duque de Caxias (RJ) and how they were used as means of dating and perception of cultural practices developed there.

KEYWORDS: Historical Archeology; Plastic materials; Archaeological Record; Dating; Terreiro da Gomeia.

¹ Doutorando em Arqueologia (Museu Nacional/UFRJ) desde 2015. Mestre em Arqueologia (Museu Nacional/UFRJ). Mestre em Ciências Sociais (UERJ). Bacharel e Licenciado Pleno em Ciências Sociais (UFES). E-mail: per.rodrigo.es@gmail.com

RESUMEN

Con el advenimiento del siglo XXI y la consolidación del uso de los materiales plásticos en la cultura material humana, como la arqueología puede utilizarse de éstos como fuente de conocimiento sobre el pasado? Por su versatilidad de uso, de sus colores y variabilidad de formas, los plásticos ya configuran dentro del registro arqueológico en sitios datados del siglo XX y así se colocan como una de las nuevas posibilidades de interpretación sobre grupos pretéritos. Objetivamos, a partir de un estudio de caso, describir formas de utilización de este tipo de material en la Arqueología Histórica brasileña. Así, analizaremos los materiales plásticos recuperados en las excavaciones arqueológicas en un terreiro de candomblé localizado en Duque de Caxias (RJ) y cómo se utilizaron como medio de datación y percepción de prácticas culturales allí desarrolladas.

PALABRAS CLAVE: Arqueología Histórica; Materiales plásticos; Registro Arqueológico; datación; Terreiro de Gomeia.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TERREIRO DA GOMEIA

O Terreiro da Gomeia foi um dos primeiros terreiros de candomblé fundados no município de Duque de Caxias (região metropolitana do Rio de Janeiro) por dirigentes deste culto migrados do estado da Bahia (PEREIRA, 2018a). O local foi fundado em 1951 por João Alves Torres Filho (1914-1971) e veio a se tornar um ponto referencial para a valorização das matrizes religiosas afro-brasileiras, além de ser a residência de um dirigente que também era dançarino, coreógrafo, articulista de jornal e, no Brasil da metade do século XX, assumia-se abertamente homossexual.

O local escolhido foi a cidade de Duque de Caxias, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que congregava em sua formação histórica e social grande quantidade de migrante da região Nordeste do Brasil e, por outro lado, funcionava como área que fornecia mão de obra à modernização e industrialização da então Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro.

Desde o fim do século XIX a região onde hoje se localiza Duque de Caxias era cortada pelas linhas da estrada de ferro da *Leopoldina Railway*. Porém, com a abertura da rodovia Rio-Petrópolis em 1928, diversas fábricas e grande contingente populacional se instalaram na área (LUCAS, 2014). Esse novo patamar econômico e social acabou por ocasionar a emancipação política do distrito de Meriti (antigo nome da região que hoje

forma Duque de Caixas) do município de Nova Iguaçu em 1943 (ALVARENGA NETO, 2009).

O processo de industrialização, de expansão urbana e populacional, no caso do Rio de Janeiro, deu-se nas regiões da Zona Norte da cidade e ainda na Baixada Fluminense (SCARLATO, 2011), as mesmas áreas quais os terreiros de candomblé passaram a ocupar após as perseguições na região central da cidade do Rio de Janeiro (PEREIRA, 2018). Assim, dirigentes de candomblé e migrantes nordestinos, e das demais áreas do Brasil, dirigiram-se ao Rio de Janeiro em busca de emprego e de melhores condições de vida. Eles ergueram a cidade e as indústrias, mas estas também os moldaram às novas realidades do Brasil: uma urbanização em expansão e uma sociedade agora baseada em indústrias – cada vez mais o rural e agrário seriam deixados no passado do país. Outro fator que correlaciona a migração de trabalhadores e de dirigentes encontra-se na busca destes últimos por novos mercados religiosos que não fossem dominados pelo “Modelo Nagô” de Candomblé da Bahia (CAPONE, 1996). O estado fluminense, nessa época, não contava com casas que representavam esta forma de organização do Candomblé.

Assim, sob este contexto, é que o Terreiro da Gomeia tornou-se o primeiro terreiro a possuir luz elétrica e sistema de som, por exemplo. Defendemos que a tradição religiosa de Candomblé do dirigente, a Angola, adaptou-se não apenas às subjetivações deste, demonstrando que os modelos de ocupação de espaço no candomblé (ROCHA, 2000) não tendem a ser tão totalizantes, mas sim faziam referência a aspectos mais recorrentes e necessários às realidades de cada terreiro. A casa possuía, por exemplo, estacionamento. Mas, por outro lado, todas as divindades africanas foram alocadas em apenas um único setor do terreno, de modo a liberar espaço para a acomodação de carros de seus filhos de santo e visitantes.

A modernidade adentrava o Candomblé e demonstrava como este não estava à margem deste processo no país, pois seu dirigente também atuava como dançarino e coreógrafo em locais como o Teatro João Caetano e o Cassino da Urca (CHEVITARESE & PEREIRA, 2016). O Jornal Última Hora, de vinte e oito de abril de 1960, por exemplo, noticiou a apresentação de João Alves, com um “ritual autêntico de Nagô”, na Boate Fred’s, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro (JORNAL ÚLTIMA HORA DE 28 DE ABRIL DE 1960).

Joãozinho da Gomeia manteve no Rio de Janeiro as suas ações culturais, mantendo-se ligado à mídia e aos meios de comunicação, tal como já fazia na cidade de Salvador nas décadas de 1930 e 1940 (CHEVITARESE & PEREIRA, 2016). Na Cidade Maravilhosa ele replicava a sua dubiedade dirigente-artista de forma a gerar enormes incômodos aos demais cultos afro-brasileiros, pois ações como a apresentação musical e mesmo sua homossexualidade ainda não eram temas debatidos pelas matrizes afro-brasileiras de forma aberta e não preconceituosa (CHEVITARESE & PEREIRA, 2016).

Em 1971, após uma operação malfadada para a retirada de um tumor cerebral, o dirigente veio a falecer. Após os ritos próprios do Candomblé destinados a seu sepultamento, o Terreiro da Gomeia passou por um processo conturbado de sucessão que resultou, após a formação de grupos antagônicos de disputa pelo poder, em seu fechamento e destruição, ocorrida entre os anos de 1989-1990 com a ação de um maquinário e, posteriormente, com o aterro do local com um metro de tabatinga (PEREIRA, 2017). Até a década de 2000 o terreno foi utilizado pela população do entorno como um espaço para que crianças brincassem e para a realização de festas juninas. Na década seguinte foi erguida uma pequena mureta para a acomodação do Gomeia Sport Clube – um time de futebol dos moradores da rua – o que não durou muito tempo, pois o local passou a ser usado como estacionamento de caminhões (PEREIRA *et al*, 2012). O destino da área da Gomeia foi definido em 2003, quando a Prefeitura de Duque de Caxias desapropriou o local para a construção de uma creche (GAMA, 2014). Contudo, o projeto não foi executado pela municipalidade, ficando o terreno sem uso.

AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NOS REMANESCENTES DO TERREIRO DA GOMEIA

Em 2015, a partir de um projeto de Tese de Doutorado em Arqueologia do autor deste artigo, foi firmado um acordo cooperação e pesquisa entre a Secretaria de Cultura e Turismo de Duque de Caxias (SMTC/DC) e o Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista (PPGARq/MN/UFRJ). A colaboração visava o fomento para a realização desta e baseava-se na constatação, a partir dos dados de Pereira *et al* (2012), que haviam remanescentes edificados no terreno, bem como cultura material em seu solo, o que justificaria as pesquisas arqueológicas. A Tese versa sobre a formação do Registro Arqueológico em casas de candomblé e se este seria possível de

determinação de práticas religiosas pretéritas. De um lado, a Secretaria de Cultura do município cedeu maquinário, funcionários e infraestrutura para as escavações. A UFRJ destacou professores, alunos da Pós-graduação em Arqueologia e História e insumos para a realização da atividade. A guarda do material é responsabilidade da UFRJ até haver um local e destinação, por parte da municipalidade de Duque de Caxias, para a guarda definitiva de acordo com a legislação patrimonial vigente no país.

As escavações na Gomeia ocorreram em dois campos nos anos de 2015 e 2016, em um total de 30 dias de atividade. Além dos pesquisadores enviados pela universidade, voluntários, alguns afros religiosos e outros interessados no tema, participaram das análises *in situ* dos remanescentes edificados da Gomeia.

Assim, as escavações centram-se em duas áreas de escavações escolhidas previamente pela pesquisa. Com estas o projeto obteve os seguintes resultados: a área total escavada em cada campanha foi de, respectivamente, 14,76 metros de largura x 9,82 metros de extensão e 12 metros de largura x 4 metros de extensão. Analisou-se o único edifício ainda parcialmente edificado (a residência de João Alves), onde procedeu-se um estudo arquitetônico de sua elaboração. Também foram identificadas estruturas religiosas do local, como a Casa do Caboclo Pedra Preta, o piso do barracão e de vários cômodos, como a cozinha e o roncó. Quanto ao solo, a pesquisa arqueológica na Gomeia obteve uma cultura material que pode ser classificada em três grandes eixos: objetos de uso religioso (referentes ao Candomblé), de usos seculares (aplicados às práticas do cotidiano não religioso) e os mistos (classificados assim pela dúvida de estarem ou em contextos religiosos ou nas práticas do dia-a-dia). Para tanto, esta cultura material foi classificada previamente nas seguintes categorias: objetos metálicos, vítreos, orgânicos, cerâmicos (faianças e barrarias), tecidos, plásticos, construtivos e rochosos.

Pelo obtido, constatou-se que as práticas religiosas do Candomblé deixaram vestígios no registro arqueológico. Nossa amostra obteve 278 peças de matérias identificados como seculares (42,7% da amostra), 177 referentes aos religiosos (27,2%), 166 considerados como mistos (26%) e 30 peças sem identificação (4,1%). Se somarmos os valores mistos aos religiosos obteremos um valor de 455 peças que indicam práticas religiosas (53,2% do escavado). Ou seja, nossa cultura material escavada apresenta alto grau de vestígios referentes às práticas, ritos e objetos de cunho religiosos no registro arqueológico da Gomeia. Após cada etapa de escavação o setor pesquisado foi protegido e

identificado por Iona na finalidade de informar a próximos pesquisadores quais áreas já foram analisadas pela Arqueologia.

PLÁSTICOS: CARACTERIZAÇÃO E DADOS HISTÓRICOS

Piatti & Rodrigues (2005, p. 12) definem que plástico é todo material que se constitui de “um polímero, principalmente orgânico e sintético, sólido em sua condição final (como produto acabado) e que em alguma fase de sua produção foi transformado em fluido, adequado à moldagem por ação de calor e/ou pressão”. Portanto, os polímeros são a base para a produção desta matéria-prima. Através de reações denominadas de polimerização produtos como o petróleo e o açúcar, por exemplo, geram essas estruturas formadoras dos plásticos. Assim, conforme o encadeamento destas moléculas, em estruturas maiores ou menores quanto à sua massa molecular, é que se obtém “resistência mecânica, resistência térmica, estabilidade frente a substâncias químicas, resistência elétrica, permeabilidade a gases etc. que irão determinar como o polímero vai ser utilizado” (PIATTI & RODRIGUES, 2005, p. 24).

É possível obter-se essas moléculas com propriedades e características preestabelecidas, o que se dá pelo controle sistemático das reações de polimerização – como o controle das condições de sua reação (temperatura, pressão, catalisadores e etc.) – mas também pela introdução de substâncias capazes de promover reticulações características específicas (os aditivos), o que gera plásticos com características elásticas, fibrosas, rígidas ou flexíveis (PIATTI & RODRIGUES, 2005). Estes aditivos são inseridos durante o processo de moldagem do material, tendo em vista a sua aplicabilidade. Esta moldagem dá-se pelos seguintes métodos:

“Processo de vazamento: é um processo simples pelo qual a mistura é vertida ou vazada em um molde, sob a forma de uma solução viscosa. Processo de fiação por fusão: a mistura fundida passa através de orifícios de uma placa (fieira), formando filamentos viscosos que se solidificam e são enrolados em bobinas. É indicado para obtenção de fios. Processo de compressão: consiste em comprimir a mistura aquecida dentro da cavidade de um molde. Este processo é muito usado para termorrígidos. Processo de calandragem: consiste basicamente na passagem da mistura entre rolos sucessivos e interligados em rotação. É indicado na produção de lâminas, folhas e filmes de espessura regular. Processo de injeção: a mistura fundida é introduzida no molde por intermédio de pressão exercida por um êmbolo. Processo de extrusão: a mistura polimérica passa através de uma matriz com o perfil do objeto desejado e é resfriada tornando-se sólida. Processo bastante comum na fabricação de tubos de poli (cloreto de vinila)

e polietileno, tão utilizados em encanamento de água, esgotos etc. Processo de sopro: ideal para obtenção de peças ocas pela insuflação de ar no interior do molde. É muito usado na fabricação de frascos a partir de resinas termoplásticas” (PIATTI & RODRIGUES, 2005, p. 29).

Sob estas formas de moldagem é que se obtém todos os materiais utilizáveis, conforme suas propriedades, em móveis, objetos de cozinha, assentos, na indústria automobilísticas, em brinquedos e em contingentes de remédios, bebidas e alimentação (PIATTI & RODRIGUES, 2005).

A exploração industrial do plástico relaciona-se à expansão da indústria de bens, sobretudo os ligados a matérias-primas naturais que encontravam certa dificuldade de expansão no início do século XX, em especial as que tinham nos ossos, presas e elementos orgânicos, a sua base de produção de fivelas, botões, teclas e outros elementos. Assim, necessitava-se de uma produção em larga escala e que se desatrelasse de fontes inconstantes de oferta (PIATTI & RODRIGUES, 2005).

Ainda no século XIX produtos como o nitrato de celulose e a galalite foram os primeiros materiais semelhantes ao plástico com utilização industrial. Contudo, a alta inflamabilidade do primeiro produto fez seu uso entrar em crise. As indústrias de cinema do início do século XX que o utilizavam perdiam suas produções em eventos de combustão do material sob um uso demasiado, por exemplo na exibição seguida de filmes de cinema (EVERTON, 1986). A solução para esta demanda deu-se apenas na primeira década do século XX, em especial na análise das aplicações que o petróleo poderia ter. Assim,

Em 1909, um químico belga chamado Baekland descobre as resinas formol-fenólicas, [...] com o nome de baquelite [e] inicia a chamada ‘Era dos Plásticos’. Daí em diante, a exploração dos plásticos só cresceu, visto que suas propriedades isolantes permitiam a utilização na indústria elétrica e em vários outros campos. A partir de 1940, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, a indústria dos plásticos cresceu na Europa com a fabricação em grande escala do PVC, que veio substituir a borracha natural (de difícil importação, na época) em algumas aplicações (PIATTI & RODRIGUES, 2005, p. 46).

A expansão da indústria do petróleo, associando-se também a indústria do plástico, diversificou o uso deste material ao longo do século XX. Ainda na década de 1940 uma resina de plástico, denominada de *Nylon*, foi aplicada na moda na confecção de meias femininas, mas também na elaboração de paraquedas para os soldados americanos na 2ª Guerra (LAVER, 2008). Na década de 1950, com o avanço da indústria do petróleo, os

produtos do cotidiano de um lar passaram também a serem elaborados de plástico na constituição do estilo de vida americano do pós-guerra, o “*american way of life*” (CUNHA, 2017).

No caso do Brasil, Schwarz (1992) destaca que a produção de plásticos inicia-se com a indústria do petróleo no país, mas apenas na década de 1970, com a melhoria na qualidade desta matéria-prima, é que esta indústria começou a desenvolver-se de forma autônoma às importações de plástico e centrou-se em atender as demandas internas do país, sobretudo com produtos para o uso cotidiano dos lares.

A durabilidade do plástico é uma de suas características mais destacáveis (DONATO, 1972), porém é vista por alguns autores como um grande problema, já que o material demora a ser absorvido pelo solo (biodegradação) e tende a acumular-se em correntes de água, como rios, ou mesmo nos mares, o que gera enorme poluição ao meio ambiente (PIVA & WIEBECK, 2004).

PLÁSTICOS E A ARQUEOLOGIA DO TEMPO PRESENTE

Ainda são poucos estudos na Arqueologia Brasileira que abordam os plásticos como materiais analisáveis na Cultura Material. Contudo, os poucos rastreáveis indicam que o campo é promissor para os estudos do passado, sobretudo aqueles inseridos na perspectiva da Arqueologia do Tempo Presente (OLIVIER, 2008), a qual aloca, em nosso estudo de caso, os objetos e estruturas escavadas no Terreiro da Gomeia em um horizonte pretérito mais recente (em torno de sessenta a oitenta anos), mas não os desliga das lembranças e vivências dos grupos que formam as matrizes religiosas afro-brasileiras. A perspectiva de uma Arqueologia do Tempo Presente, então, questiona não apenas a fronteira, sabidamente inexistente, entre passado e presente para o estudo da materialidade. Mas, centra-se no presente para a elaboração de discursos sobre o passado, tendo-se a certeza de que ele versará sobre o humano e sobre as relações que a Arqueologia pode realizar com áreas como, por exemplo, o Patrimônio Material, as Legislações sobre a preservação de sítios arqueológicos e as identidades dos grupos que instrumentalizaram este tipo de materialidade. Para tanto, cabe aos arqueólogos dar espaço e visibilidade a estes materiais e a sítios que tenham a temporalidade em que estão depositados estes materiais. Contudo, não se deve esquecer das relações que pode-se

estabelecer a partir da utilização de dados etnográficos ou mesmo etnoarqueológicos. Nesse sentido, por exemplo, Voss (2010, pp. 190) nos alerta que “most powerfully, contemporary archaeologist remind all archaeologist that we cannot separate ourselves from the material we study”. Ou seja, tanto os arqueólogos, quanto diversos grupos, estão inseridos em uma realidade permeada por materiais deste tipo. Assim, é premente que comecemos a estudá-los. De forma complementar, trabalhar com os materiais plástico é, em certo sentido, trabalhar com temas como consumo, modernização e urbanização, como apresentaremos mais adiante neste texto. Ou seja, é adequar nossas teorias e métodos a contextos de deposição que nem sempre terão apenas faianças, ossos e vidros.

É neste sentido que podemos destacar os trabalhos que tem nos materiais plásticos uma das fontes de compreensão do passado. Funari & Oliveira (2008), por exemplo, ao trabalharem os contextos ditatoriais da América Latina sob a ótica da bioarqueologia, destacaram a presença deste material, sob a forma de sacos, junto às ossadas por eles analisadas. Algo simples e de nosso cotidiano, encontrado em quase todos os lares urbanos do Brasil, já faz parte do registro arqueológico e deve, para os autores, ser um elemento considerado nas análises do estado de conservação do material ósseo.

O artigo de Mega *et ali* (2014) demonstra como este material já se faz presente em análises contemporâneas, como as empreendidas em um lixão urbano da cidade de São Raimundo Nonato (estado do Piauí). Ao refletirem sobre essa proximidade entre os materiais plásticos, sua utilização e os grupos que os instrumentalizaram, os autores destacam que a Arqueologia deve se adequar a essa nova situação “plástica” – tanto no material, quanto na necessidade de abarcar as lembranças e vivências dos grupos humanos que já se utilizam deste tipo de matéria-prima para as mais variadas situações do cotidiano:

Em outras palavras, vivemos numa época caracterizada como de rápido devir, onde a materialidade das relações sociais, representada por artefatos que rapidamente são descartados, demanda uma maior flexibilidade do pensamento arqueológico. Hoje vivemos em sociedades fluidas, sociedades plásticas que se transformam com rapidez e cuja “assinatura” material é igualmente plástica na medida de ser constituída, em grande parte, por artefatos feitos de plástico (MEGA *et ali*, 2017, p. 200).

Nesse sentido, tanto estes autores como o deste artigo concordam com a questão colocada por Tilley *et ali* (2006), que define a Arqueologia como a ciência que estuda a “coisidade” presente na materialidade, ou seja, as relações humanas que os objetos

suportam e expressam. Nesse sentido, ao adotarmos os plásticos como materiais de análises somos confrontados como temas que nos permitem avaliar aspectos de consumo destes objetos, mas sobretudo de identidade, gênero e classes sociais, já que os plásticos permitem que aspectos da subjetividade se expressem em seu consumo ou em sua instrumentalização, mas também em seu descarte e deposição no solo² (PIATTI & RODRIGUES, 2005).

Por fim, a tese de Doutorado de Souza (2017), analisando áreas do semiárido dos estados do Pernambuco, Piauí e Ceará, destaca como a frequência do material plástico é visível e aumenta no registro arqueológico entre os anos de 1950 a 2000, dentro do desenvolvimento deste material que há pouco versamos. Esta presença atesta que a modernidade e o consumo são elementos que influenciam as populações desta região e que esta mesma modernidade também poderia ser vista como atuante nestes locais por meio da análise dos materiais plásticos presentes em zonas de descarte. Nas palavras de Souza (2017, p. 74) podemos analisar e perceber materialmente “processo complexo que constró[em] vidas cotidianas e que contribu[em] para a produção de identidades de grupos ou de indivíduos”. Nesse sentido, a análise realizada pelo pesquisador permite nos alcançar a coisificação proposta por Tilley *et ali* (2006) e que defendemos como um dos campos em que os materiais plásticos podem contribuir sobre o passado humano.

Na IX Reunião de Teoria Arqueológica da América do Sul (TASS), ocorrida em junho de 2018, o Simpósio “Arqueologia do passado recente: repensando temporalidades e empirias” também destacou este fato que temos atentado até aqui. Em especial a organização das apresentações destacou em seu resumo de área:

Quais as possibilidades que se abrem na análise de materiais até então desprezados, como o plástico, por exemplo, como a definição de cronologias mais precisas que permitem a abordagem de novas temporalidades; bem como um leque de novas informações/percepções sobre as coisas-objetos-produtos-artefatos para o entendimento e análise da cultura material (XI TASS, s/p., 2018).

Assim, ao dialogar com a questão da temporalidade da Arqueologia e sua aplicabilidade, este simpósio permite nos observar como os materiais plásticos têm ganhado não apenas espaço em encontros acadêmicos, mas também locais de diálogo e

² Um exemplo deste tipo de pesquisa poderá ser encontrado no artigo, ainda no prelo, de Pereira (2018b). Em seu estudo ele analisa a construção das representações de infância e gênero a partir de brinquedos plásticos escavados no Terreiro da Gomeia.

de troca de experiências sobre a sua aplicabilidade nas pesquisas sobre o passado material humano, em especial o recente onde se insere este tipo de materialidade.

Assim, o estudo de caso que analisaremos em seguida se agrega a estes estudos no intuito de, pela Arqueologia aplicada aos cultos afro-brasileiros, utilizar, além dos objetos em plástico, a memória do grupo como forma de envolvê-lo em seu próprio passado, muitas vezes eivado de si, ou ainda permitir que eles estabeleçam uma simetria entre seus saberes e os advindos dos manuais de objetos, das fontes bibliográficas e da experiência do próprio arqueólogo. A posição adotada tende a enriquecer o trabalho elucidativo da Ciência do Passado e, de sobremaneira, abre espaço para a construção de uma resposta social da pesquisa ao grupo, devolvendo-lhes seu patrimônio e memória na forma de inclusão nas fases da pesquisa (OLIVIER, 2008). Nesse sentido, além de valorizar sua matriz religiosa, busca-se a visibilidade de relações sociais que se estabeleceram tendo este tipo material como suporte.

Assim, concordando com o apresentado por Olivier (2008), há a necessidade de encerrarmos a separação clássica entre a História e a Arqueologia – “*l’histoire traite des évènements, l’archéologie s’occupe de mémoire*” (OLIVIER, 2008, pp. 41)³ – e trabalharmos de forma complementar entre as ciências. Assim, se a primeira tem o documento como fonte de trabalho e a segunda tem a cultura material como objeto, uma relação em que estes se perpassem sem que uma domine a outra pode gerar bons frutos para os trabalhos interdisciplinares entre as áreas aparentadas, mas sempre tão afastadas entre si. Os plásticos, tanto por sua presença, quanto pela farta documentação de produção e consumo, podem-nos permitir essa interseção e o desenvolvimento de uma área que, junto às faianças, vítreos, metais e demais classes da Arqueologia Histórica, venha a contribuir na dilatação dos saberes sobre nosso passado recente.

Uma melhor nomenclatura da terminologia da proposta por Olivier (2008) para a questão dos plásticos e dos cultos afro-brasileiros seria a adoção de uma *Arqueologia no tempo presente*, quando podemos acessar a memória e as experiências religiosas dos que transitaram pelos espaços destruídos ou abandonados das roças de candomblé no presente para analisar a cultura material ou bens arqueológicos que não possuam um passado tão longínquo, mas que já passaram do contexto sistêmico para o arqueológico

³ "A história trata dos eventos, a arqueologia se ocupa da memória" (OLIVIER, 2008, p. 41) [tradução nossa].

(SCHIFFER, 1972). Exemplos desta adoção já foram publicados por Pereira (2017), que inclusive cita a presença e significância dos plásticos e demais materiais arqueológicos para a compreensão da formação do Sítio Arqueológico do Terreiro da Gomeia.

Desta maneira, os plásticos são um bom exemplo de material que permite esta interlocução e adequação das premissas da Arqueologia às novas relações que a memória e a cultura afro-brasileira colocam à pesquisa arqueológica. Ao mesmo tempo, esse “novo material”, como em nosso caso e nos demais autores consultados, deverá sempre considerar a forma de deposição e conservação destes objetos, as relações de consumo do capitalismo como vetores de aquisição, uso e descarte deste tipo material e, por fim, as “coisidades” que eles suportam do ponto de vista ideacional.

OS MATERIAIS PLÁSTICOS NO TERREIRO DA GOMEIA

Os materiais plásticos que compõem o registro arqueológico do Terreiro da Gomeia caracterizam-se pelos usos “mistos”, “religiosos” e “seculares”, o que é indicativo de como também o Candomblé se adaptou às possibilidades do uso deste material em suas dinâmicas culturais. Nesse sentido, a pesquisa arqueológica observou uma ampla gama de usos destes materiais no cotidiano do local – beleza, entretenimento, saúde/medicação, alimentação, brinquedos, transportes e vários outros aspectos de uso. Assim, fica claro que esse uso “decorre da sua capacidade de substituir materiais de maneira a manter ou, na maioria das vezes, aperfeiçoar o desempenho técnico e a qualidade dos produtos aos quais ele fará parte” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO, 2012, p. 8).

No tocante às suas aplicações nas categorias-chaves de leitura proposta encontramos a seguinte divisão dos materiais plásticos: setenta e cinco objetos desta classe de materiais: 52% desta categoria (ou 39 peças) consistem em usos “religiosos”, sobretudo ligados a ritos; 47% dos materiais tem seu uso em aplicações “seculares” ligadas às práticas de alimentação, vestuário e diversão, entre outros. As trinta e cinco peças identificadas nesta categoria nos permitem observar como este elemento possui alta aplicabilidade em substituição a elementos como o ferro ou vidro, por exemplo. Por fim, 1% (uma peça) foi identificada com um uso misto – uma joia que poderia compor um assentamento ou mesmo um objeto de adorno pessoal.

Para melhor compreender as utilizações destes materiais subdividimos as categorias em áreas funcionais ou mesmo de aplicação geral dos materiais. A divisão observou as relações de uso semelhantes dos objetos com o intuito de analisar possíveis padrões de uso dentro da Gomeia. Assim, obtivemos as seguintes categoriais: Beleza, Entretenimento, Alimentação & Medicação, Transporte, Corte & Costura, Elementos Infantis, Elementos Religiosos e Outros. Estas subclassificações nos permitirão compreender elementos do cotidiano da Gomeia de forma mais clara.

Na categoria “secular”, por exemplo, temos os objetos de Corte e Costura e Alimentação & Medicação como os mais expressivos, o que indica que os usos destes objetos possuem alta similitude com o apregoado pela indústria do plástico: centrar-se em elementos de fácil reposição e de consumo de alimentos e bebidas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO, 2012). Ao mesmo tempo, nos Elementos Religiosos, notamos como este material, em sua expansão de mercado entre as décadas de 1950 a 1970, fez-se presente também em cachimbos que eram oferecidos em ritos associados aos caboclos ou mesmo constituíam elementos de assentamentos de alguns deuses.

Passaremos agora a descrição e análise de apenas alguns materiais plásticos e suas interpretações. Os usos foram determinados na relação forma-função das peças, pois muitas delas existem até a atualidade ou sua função é de fácil compreensão. Associamos a isso fontes históricas sobre os objetos, quando disponíveis. Mas alertamos que, devido ao fato de ser uma indústria recente, nem sempre seus fabricantes possuem catálogos que permitam processo de datação dos materiais, o que deve ser um dos focos da Arqueologia no futuro, pois estes materiais já configuram o registro arqueológicos de locais que podem ser estudados pela Ciência do Passado (SOUZA, 2017).

Dentro da categoria Alimentação, por exemplo, esta nos informa de práticas de medicação e alimentação dentro do terreiro. Em algumas peças existem informações em alto relevo que nos permitem debater o horizonte histórico de ocupação do terreiro e a aplicabilidade do material. A informação foi obtida a partir da identificação das inscrições presentes na peça 7.1 (303), onde se lê parte palavra Toddy, uma marca de achocolatado.

Fontes *et ali* (2008) informa que esta marca do achocolatado tem suas atividades comerciais iniciadas em 1916, depois que a família do imigrante espanhol Pedro Erasmo

Santiago perdeu toda a plantação de cacau em Porto Rico por causa de um furacão. Pedro imigrou para os Estados Unidos e, em pouco menos de quinze anos, adquiriu os direitos de utilização da marca Toddy para a América do Sul e lançou, por volta de 1930, um achocolatado no mercado argentino, onde havia instalado um estabelecimento para a fabricação do produto.

Após alguns anos tentando entrar no mercado brasileiro, em março de 1933, Pedro Santiago recebeu a permissão do Governo Provisório de Getúlio Vargas para comercializar o produto no país. Este foi o primeiro achocolatado em pó do mercado brasileiro. A primeira embalagem era constituída de uma lata de aço que acondicionava o produto. Conforme Fontes *et ali* (2008), como meio de publicizar o produto e marca, houve a promoção de anúncios de jornal que veiculavam o consumo do produto à saúde. Também se realizaram ações publicitárias inovadoras, com marchas de carnaval e aviões para grafar com fumaça o nome do produto no céu do Rio de Janeiro (FONTES *et ali*, 2008).

Ainda destacando a evolução do produto e da marca, Fontes *et ali* (2008) informam que, durante o período de 1930 até 1980, o achocolatado era comercializado em latas, cuja abertura era feita com o auxílio de uma espécie de chave, o que perdurou até a década de 1980, sendo vendido no mesmo período em frasco de vidro com tampas de metal. No ano de 1981 a marca americana foi vendida para a multinacional *Quaker Oats*. Esta, visando reposicionar o produto no mercado internacional, passou a comercializar o produto em embalagens de plástico marrons e tampa amarela, o que era mais chamativo para o produto, além de apresentar maior segurança no envasamento e proporcionar maior higiene ao achocolatado. Esta transição é visível na figura 1, a seguir, onde destacamos as embalagens plásticas do achocolatado e suas alterações ao longo de sua comercialização.

Analisando a tampa recuperada do registro arqueológico da Gomeia, vide figura 2, a seguir, podemos ter certeza de que, pela datação do início do uso da tampa plástica amarela, ela deve ter sido utilizada na Gomeia após o ano de 1981 – seja pelo consumo do próprio produto, seja pela utilização da embalagem para um uso secundário (acondicionamento de outro alimento). Ou seja, este material permite definir uma datação que nos informa sobre a manutenção da ocupação do terreiro durante a década de 1980, um pouco antes do evento de destruição do local em 1989-1990.



Figura 11. Evolução do acondicionamento do Toddy entre 1930 até 2000. Destaque para a segunda embalagem que inaugurou o uso da tampa plástica amarela.

Fonte: <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/05/toddy-o-seu-companheiro-de-aventuras.html>.



Figura 2. Material número 7.1 (303), um fragmento de tampa do achocolatado Toddy.

Fonte: Acervo do autor (2017).

Passaremos agora aos materiais plásticos que perfazem a subcategoria Transporte. Estes consistem em três fichas de ônibus identificadas durante as escavações, respectivamente os materiais números 7.1 (324) a (326). Os materiais referem-se às fichas utilizadas como passagem de ônibus empregadas para o embarque nestes. As três fichas permitem a identificação das empresas que se utilizavam deste sistema: Autoviação São Ricardo, Viação União LTDA e Autoviação Caxias.

A implantação das linhas férreas foi um dos fatores que permitiu a integração dos municípios que compõem a atual Região Metropolitana a cidade do Rio de Janeiro (MELLO *et alii*, 2016), em especial devido à necessidade de mão de obra para a industrialização da então Capital Federal na década de 1950. Além disso, devido à escassez de espaços urbanos para moradia, os municípios da Baixada Fluminense tornaram-se áreas

dormitórios dos trabalhadores deste setor (SILVA, 2017). Assim, a oferta de transporte por via férrea e depois por transporte automobilístico público associou-se a estas demandas. Nesse sentido, Mello *et ali* (2016) destacam que, na Baixada Fluminense, principalmente nos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti, no período entre o final da década de 1940 até 1960 ocorreu uma expansão da oferta de transporte urbano que visava atender às demandas econômicas da industrialização da capital e arredores, mas que isso tendeu a gerar o início de áreas de periferia próxima ao núcleo do Rio de Janeiro. Assim, empresas de transporte público passaram a ligar a cidade do Rio de Janeiro a estes municípios, concorrendo com a oferta de transporte pelas linhas férreas da então Estradas de Ferro Central do Brasil. Neste contexto é que temos, por exemplo, a fundação da Viação União, em 1953, e da Autoviação São Ricardo, em 1966.

A Viação União, conforme disponível no *site* da própria empresa, tem suas atividades iniciadas em 1953, funcionando até a atualidade, e visava atender o município de Duque de Caxias e fazer ligações deste com Belford Roxo, Magé e a cidade do Rio de Janeiro. O *site* Fichas de Ônibus indica que a empresa operava, por exemplo, a linha Praça Mauá - Parque São Vicente (município de Belford Roxo) na década de 1970.

Já a Autoviação São Ricardo, conforme o *site* Empresas do Brasil, tem sua fundação em 28 de setembro de 1966, mas a empresa encontra-se atualmente inativa, conforme a mesma fonte. Conforme o *site* Fichas de ônibus, a São Ricardo operou as seguintes linhas de transporte: S30 Bangu - Meier (1959), 75 Tiradentes - Marechal Hermes (1962), 257 Praça Mauá - Cascadura (1968), 262 Praça Mauá - Madureira (1968), 263 Praça 15 - Vila Valqueire (1967), 269 Tiradentes - Marechal Hermes (1968), 610 Praça da Bandeira - Cascadura (1970), 653 Marechal Hermes - Meier e 391 Tiradentes - Realengo. O mesmo *site* informa que esta empresa foi incorporada pela Transportes Estrela em 1981. Sobre a Autoviação Caxias não identificamos nenhuma fonte sobre a mesma, o que não nos permite elaborar uma contextualização mínima sobre esta empresa.

Não obtivemos dados do período em que as fichas passaram a ser utilizadas como forma de pagamento pelas passagens no Rio de Janeiro. Porém, o *site* RiÔnibus Antigo destaca notícias da década de 1930 quanto a necessidade do uso de fichas para o transporte urbano na Viação Excelsior por meio de publicações de matérias presente nos periódicos “A Noite”, “Diário da Noite” e “Diário de Notícias”. O mesmo *site* destaca que o uso deste objeto da seguinte maneira:

As roletas existentes e/ou fabricadas no Brasil, não possuíam mecanismos para contagem da quantidade de voltas dadas, ou seja, a quantidade de passageiros que pagaram passagens. Dessa forma eram necessárias as fichas ou bilhetes, para contabilizar a quantidade de passagens vendidas e a receita diária de cada veículo (SITE RIOÔNIBUS ANTIGO, 2014, s/p.).

É nesse sentido que entendemos a fichas de ônibus presentes no registro arqueológico da Gomeia. Eram a forma de transporte de membros da casa ou mesmo de visitantes que para lá se deslocavam. Seu uso é exclusivamente em atividades seculares correlatas ao terreiro. É bom lembrarmos que as fontes orais e *sites* pesquisados para este artigo indicam a presença de uma linha de ônibus que atendia a rua onde situava-se a Gomeia, então o seu uso não foge a esta hipótese: “Devido à grande procura e movimentação [,] a empresa de ônibus da viação União criou a linha ‘Caxias – Copacabana’, no para-brisa lia-se em uma placa ‘Via Joãozinho da Gomeia’. (PROJETO CENTRO CULTURAL JOÃOZINHO DA GOMEIA, 2014). Já as fontes orais destacam:

“Tudo que ele fazia era pro bem daqui. Ceis precisavam ver. Até ônibus ele conseguiu fazer correr aqui. Sabe, antes a gente não tinha ônibus aqui. Ele lutou e conseguiu uma linha pra gente” (ENTREVISTADO 9).

“Tinha também o ônibus que Seu João conseguiu aqui pra rua. A gente tinha ônibus na porta” (ENTREVISTADO 10).

As três fichas permitiram a identificação das empresas por meio da leitura do alto-relevo presente na peça, sendo estes dados confirmados em um *site*⁴ onde indica-se a utilização deste material no Rio de Janeiro. A peça 7.1 (324) refere-se a ficha de cor mostarda da empresa São Ricardo; a peça 7.1 (325) refere-se a ficha branco leitosa da empresa Viação União, a indicada como a que atendia a rua da Gomeia; já a peça 7.1 (326) referente a Autoviação Caxias. Na Prancha 1, no fim deste artigo, apresentaremos as imagens desta ficha e as disponíveis no *site* consultado.

Passaremos agora à análise da categoria Outros. Esta classe congrega objetos que não permitiram a classificação – por similaridade ou uso/aplicação – como os demais elementos de origem plástica. Aqui estão inseridos dois objetos: um porta Título Eleitoral e um pingente (ou um brinco) em forma de gota com sessão também em metal – respectivamente os materiais 7.1 (319) e 7.3 (332). A primeira peça tinha um uso secular no contexto do Terreiro da Gomeia. A sua localização permite-nos debater o processo de

⁴ Disponível em: <http://fichadeonibus.blogspot.com.br>. Acesso em 2 de abril de 2018.

destruição do local e sua datação. Porém, antes deste debate, faremos a contextualização do objeto, o que nos permite qualificar este dado arqueológico.

O processo de redemocratização do Brasil, com a Constituinte e a promulgação da Constituição de 1988, em 5 de outubro do mesmo ano, marcou uma nova fase da política nacional. Sob a égide do novo regime é que em 1989/1990 organizou-se uma eleição para o cargo de Presidente da República. Assim, “a posse de Collor marcava, simbolicamente, o final de um longo e complicado processo de transição democrática” (KINZO, 2001, p. 9), que deixava no passado a intervenção militar no país.

Conforme o *site* do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a eleição geral ocorreu em 3 de outubro de 1990 e elegeu, além de Presidente, o Governadores dos Estados e Distrito Federal, um Senador por estado, além de Deputados Estaduais e Federais, em número proporcional à população de cada membro da federação. Nesta eleição, para o caso do Rio de Janeiro, ganhou como governador Leonel Brizola (com 3.456.876 votos), da coligação Trabalhismo e Liberdade (PDT, PC do B, PCB, PNT, PV e PSD). Darcy Ribeiro foi eleito com 2.787.349 votos para o cargo de Senador pela Coligação Povo Unido (PDT, PC do B e PCB), conforme dados do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE/RJ).

Dentre os eleitos para os cargos de Deputado Estadual, destacava-se Luiz Henrique Moraes de Lima, da coligação PDT, PCB e PC do B, com um total de 14.891 votos (TRE/RJ, s/d.). Durante as escavações da Gomeia, o porta Título Eleitoral identificado no registro arqueológico refere-se a este candidato eleito, conforme a figura 3, a seguir. Observando os jornais do período de eleição, o candidato aparece em um anúncio no Jornal do Brasil, de vinte e dois de setembro de 1990, onde lê-se:

Veja quem apoia Luiz Henrique Lima
Deputado Estadual
PDT nº 12.282
Waldir Pires – ex-governador da Bahia – PDT/BA [...]
Nilo Batista – candidato a vice-governador, PDT/RJ [...]
Darcy Ribeiro – candidato a senador, PDT/RJ [...]” (JORNAL DO BRASIL
DE 22 DE SETEMBRO DE 1990).

Segundo uma entrevista dada pelo próprio Luiz H. Lima para o *site* da Associação dos Membros dos Tribunais de Conta do Brasil (ATRICON):

Com 52 anos e nascido em Concórdia, Santa Catarina, Luiz Henrique foi vereador no Rio de Janeiro na década de 80. Em seguida, foi deputado estadual por duas legislaturas consecutivas (1987 a 1994), assumindo o

cargo de secretário de Administração do Estado do Rio de Janeiro de 1992 a 1994. No ano 2000, assumiu outra secretaria no Estado, a de Saneamento e Recursos Hídricos, sendo presidente do Conselho Estadual de Recursos Hídricos. Em 2009, por concurso público, ingressou no TCE-MT (ARTOCON, 2012, s/p.).

Assim, a partir do dado presente no material arqueológico e as fontes históricas consultadas, podemos ter a certeza de que o porta Título eleitoral identificado nas escavações da Gomeia seja referente a este candidato. Passaremos agora a debater a datação que este objeto permite inferir à formação do registro arqueológico da Gomeia, bem como o seu processo de arruinamento ocorrido.

As eleições em 1990 ocorreram no dia 5 de outubro. Avelar (1992) destaca o uso das mídias impressas (jornais e panfletos), além da televisão (com programas eleitorais e debates políticos) como característica deste pleito. Porém o uso de santinhos (panfletos), a distribuição de camisas, bonés e *botons* foi uma constante nas eleições brasileiras até a Resolução 22.261/2006 que proibiu esta distribuição. Assim, o porta Título eleitoral deve ser entendido, em 1990, não como uma prática de favorecimento, mas sim a valorização do porte de um dos meios da concretização da Democracia no país. Além, claro, de ser uma forma de guardar o número que deveria ser preenchido na cédula eleitoral.

O material em questão foi localizado no contato entre a única camada de material arqueológico e a identificada como aterro/selamento que cobriu os restos erigidos do terreiro (vide figura 4 onde apresentamos as camadas arqueológicas identificadas). A primeira camada apresenta datação entre \pm 1940 até 1989/1990. Já a segunda é datável para eventos após o ano de 1990. A presença deste porta título no material arqueológico, tendo em vista a ocorrência do pleito em outubro de 1990 e a campanha eleitoral que o precedeu (como acabamos de ver), indica que os eventos de destruição da Gomeia estão contidos entre os anos de 1989 e 1990, se tomarmos como base o período em que o porta Título deva ter entrado em distribuição e mesmo seu uso nas eleições daquele ano.



Figura 32. Porta Título Eleitoral onde pode-se ler: “Para Dep. Estadual [Lui]z Henrique Lima. Nº 12.282. PDT. Apoio [..]erdan Francisco Campel
Fonte: Acervo do autor (2017).



Figura 4. Perfil estratigráfico da área escavada na Gomeia. O número 1 indica a Camada 1 (± 100 cm) onde não houve a presença de material arqueológico e consiste no nível atual do solo; o número 2 a Camada 2 (Selamento) (± 100 cm) que se difere das demais pela cor e ausência de material arqueológico; o número 3 a Camada 3 que consideramos como positiva para o material arqueológico (± 100 cm). Por fim, a Camada 4 que identifica o piso das estruturas da Gomeia.
Fonte: Arte e fotografia do autor (2017).

Assim, é seguro afirmar que a destruição do terreiro tenha se dado entre a veiculação da campanha e sua ocorrência, entre o final de 1989 e início de 1990, mas tenha ocorrido em algum mês do ano de 1990, quando ocorreu a campanha eleitoral de 1990, temporalidade em que o porta Título tenha sido adquirido por alguém que transitava ou mesmo visitava o Terreiro da Gomeia.

Obviamente, pode-se pensar que ele tenha sido utilizado ou mesmo entrado no contexto sistêmico (SCHIFFER, 1972) da Gomeia após o pleito. Contudo, outras datações relativas obtidas em materiais como moedas e faianças, nos atestam que a destruição

ocorrera entre 1989 e 1990, sendo 1990 considerado o ano de maior probabilidade de destruição devido à datação que o porta Título nos permite admitir.

Portanto, é seguro afirmarmos que o processo de arruinamento ocorrido na Gomeia ocorreu entre os anos de 1989 e 1990 a partir da destruição mecânica dos espaços erigidos, seguido pelo transporte e processo de aplainar deste sedimento proveniente desta destruição. Após esta ação é que se deu a implementação de uma camada de aterro, que denominamos de Camada 2, que data do ano de 1990⁵.

CONCLUSÕES

Refletindo sobre a atuação da denominada Arqueologia Industrial (PALMER & NEAVERSON, 1998), é interessante que entendamos a inserção do plástico como um fenômeno do século XX ligado, sobretudo, à substituição de elementos em madeira e metal por outros materiais que permitam maior versatilidade quanto a aspectos estético ou de funcionabilidade da peça – uma das lógicas de uma sociedade de consumo. Seguindo o valor da moda (efêmera e consumista), poderíamos afirmar que a indústria dos plásticos também contribuiu na afirmação de uma cultura da subjetividade e do efêmero, quando permite ao consumidor não apenas a escolha de cores e formas, mas também ao processo de descarte dos objetos quando não se sente mais atraído por ele ou mesmo quando ele se quebra. Nesse sentido, os materiais aqui apresentados neste artigo mantêm certa correlação com este processo.

Para o Brasil da segunda metade do século XX e para o Terreiro da Gomeia, a inserção dos materiais plásticos não apenas abria um novo horizonte de produtos e formas de relação com estes, mas demarcam também os processos de industrialização do país e a inserção do Candomblé em contextos industrializados e urbanizados, deixando de ser apenas uma religião de migrantes nordestinos, para se tornar uma matriz religiosa urbana e, talvez, de menor caracterização como unicamente “negra” e “africana”.

A presença da tampa do achocolatado Toddy indica não apenas a adesão da população do terreiro ao processo de consumo e de midiabilização deste e de outros

⁵ Para maiores informações sobre este processo, ver o artigo de Pereira (2017).

produtos, mas também o desenvolvimento de novas práticas de alimentação ao longo de sua trajetória enquanto terreiro, demonstrando como este local não estava à margem desta industrialização e das novas formas de comensalidade, via produtos industrializados.

Assim, os materiais plásticos passam a ser elementos indiciáticos da alteração econômica e social por qual o Brasil passou ao longo do século XX. Portanto, configuram-se como materiais privilegiados para a análise deste processo e para a compreensão dos fenômenos correlatos à urbanização e industrialização que caracterizam a passagem do agrário para o urbano e, sobretudo, como as populações migradas encontraram meios de inserir-se neste contexto e na crescente oferta de industrializados, mesmo frente às graves crises econômicas das décadas de 1970 e 1980.

A Arqueologia Histórica no Brasil deve atentar-se a este processo de substituição de materiais, como madeira, ossos e ferro, pelo plástico. A alta durabilidade dos materiais plásticos deve ser observada para além da problemática da poluição no solo⁶. Obviamente, para o caso da Arqueologia, esta característica permite-nos, não apenas analisar aspectos funcionais das peças – como a sua coloração ou ainda as relações de forma-função – mas também permite, quando há a possibilidade do uso das datações relativa, inserir a peça e o sítio arqueológico em um horizonte histórico mais amplo, que permite analisar este processo de industrialização, mas também as formas como deu-se essa substituição de materiais e seus efeitos.

No caso apresentado, por exemplo, a momentânea ausência de dados acerca das cores e períodos em que cada ficha plástica de ônibus foi utilizada impede a sua aplicação como meio de datação relativa das atividades humanas no Sítio da Gomeia. Porém, alertamos que, caso disponíveis, as fichas de ônibus podem servir como marcadores cronológicos de atividades em um Sítio Arqueológico Histórico. Defendemos aqui a possibilidade de que esses dados possam ser pesquisados e tabulados em algum momento futuro, o que pode ser de grande valia para as datações relativas de sítios arqueológicos do século XX, já que a datação pelo Carbono 14 não possui aplicabilidade em faixas com menos de 100 ou 200 anos. Porém, com a constatação do período de funcionamento destas empresas, temos alguma garantia quanto a uma faixa de datação do uso deste tipo

⁶ Apesar da problemática da poluição dos plásticos no solo e nas águas, o seu processo de deposição pode ser visto no tocante da formação de camadas deposicionais que indicariam as formas de utilização e descarte dos plásticos na sociedade industrial dos séculos XX e XXI, um campo ainda a ser explorado pela Arqueologia Brasileira.

de cultura material, o que indica enorme aplicabilidade no campo da datação de eventos, como apresentamos há pouco.

Assim, se não podemos contar com datações absolutas aplicáveis para o século XX de forma segura, materiais como o porta título eleitoral, apresentado anteriormente, quando contextualizados na história do país ou do local em que foram utilizados, nos permitem inferir uma datação relativa às camadas arqueológicas. Assim, por meio destes objetos, encontraremos meios de aprimorar nossas análises e, por consequência, os meios de datação e de ocupação de sítios históricos, de maneira a melhor qualifica-los.

Estabelece-se, portanto, a necessidade de que a Arqueologia Histórica relativize o debater acerca do aparente conflito entre a primazia do material arqueológico como fonte única de interpretação de um sítio ou dos dados históricos como meio primeiro de interpretação da cultura material, dando lugar, assim, a uma ação conjugada em que os dois, agora unidos, sejam vistos como elementos de alta relevância para o desenvolvimento do campo da Arqueologia Brasileira. Cabe a cada arqueólogo o equilíbrio de suas fontes e a consequente congregação destas na elaboração de seus estudos sobre o passado.

Por fim, como James Deetz (1977) no atenta, os plásticos permitiriam observar como “pequenas coisas” presentes no registro arqueológico possam ser elucidativas para aspectos ideacionais de grupos pretéritos. Para Deetz (1977, pp. 259-260):

It is terribly important that the ‘small things forgotten’ be remembered. For the seemingly little and insignificant things that accumulate to create a lifetime, the essence of our existence is captured. We must remember these bits and pieces, and must use them in new and imaginative ways so that a different appreciation for what life is today, and was in the past, can be archived⁷.

Assim, estes materiais que poderiam ser vistos apenas como elementos provenientes da modernização do Brasil, devem ser captados pela Arqueologia Histórica também como elementos que passaram por processos de subjetivação e por instâncias agenciais dos sujeitos que os animaram e significaram ao longo dos processos de ocupação e expressão da paisagem cultural brasileira do século XX, que por si só ainda

⁷ Em uma tradução nossa: “é extremamente importante que as ‘pequenas coisas esquecidas’ sejam lembradas. Pois são nas coisas que parecem pequenas e insignificantes, que se acumulam para formar uma vida, que a essência de nossa existência é captada. Devemos nos lembrar desses pedaços e peças, devemos usá-los de maneiras novas e criativas para que uma apreciação diferente daquilo que é a vida hoje, e foi no passado, possa ser obtida”.

carece de maiores estudos e maior conscientização acerca do fato de já serem elementos arqueológicos estudáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA NETO, Waldemar. **O princípio da Gomeia**. Revista Pilares da História, Duque de Caxias, v. VIII, n. 9, p. 55-62, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO. Perfil 2012. **Indústria brasileira de transformação de material plástico**. São Paulo: ABIPLAST, 2012.

ASSOCIAÇÃO DOS MEMBROS DOS TRIBUNAIS DE CONTA DO BRASIL (ATRICON). **Conselheiro do TCE-MT, Luiz Henrique Lima, explica os principais motivos para desaprovar as contas da Secretaria de Saúde**. 17 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://www.atricon.org.br/imprensa/noticias/conselheiro-do-tce-mt-luiz-henrique-lima-explica-os-principais-motivos-para-desaprovar-as-contas-da-%E2%80%A61/5#>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

AVELAR, Lúcia. **As eleições na era da televisão**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 42-57, Set./Out. de 1992,

BRASIL. _____. Instrução Normativa nº 107. **Resolução nº 22.261, de 29 de junho de 2006**. Dispõe sobre a propaganda eleitoral e as condutas vedadas aos agentes públicos em campanha eleitoral. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2006. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/hotsites/catalogo-publicacoes/pdf/instrucoes_eleitorais/instrucoes_tse.pdf>. Acesso em 2 de abril de 2018.

CAPONE, Stefania. **Lê pur et lê degenerate: lê candomblé de Rio de Janeiro ou lês oppositions revisités**. Journal de la Société des Americanistes, Paris, n. 82, 1996, pp. 259-292.

CHEVITARESE, André Leonardo; PEREIRA, Rodrigo. **O desvelar do candomblé: a trajetória de Joãosinho da Gomeia como meio de afirmação dos cultos afro-brasileiros no Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de História das Religiões, Maringá, v. 9, n. 26, p.43-65, 2016.

CUNHA. Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos de 1950**. São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing, p. 249, 2017. (Tese de Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2017.

DEETZ, James. **In small things forgotten: the archaeology of early american life**. New York: Anchor Books, 1977.

DONATO, M. **O mundo do plástico: o plástico na história, o plástico no mundo, o plástico no Brasil**. São Paulo: Goyana, 1972.

EMPRESAS DO BRASIL. **Auto Viação São Ricardo SA**. Disponível em :< <https://empresasdobrasil.com/empresa/auto-viacao-sao-ricardo-sa-33471228000119>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

EVERTON, Clive. **The History of billiards and snooker**. Haywards Heath, UK: Transworld Publishers Inc, 1986.

FICHA DE ÔNIBUS. Disponível em: <<http://fichadeonibus.blogspot.com.br/>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

FONTES, B.; LADEIRAS, F.; RAMALHO, M.; SANT'ANNA, T. **Análise do mercado consumidor brasileiro de chocolates baseada em pesquisa de campo e estratégias de marketing**. Rio's International Journal on Sciences of Industrial and Systems Engineering and Management, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-29, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo; OLIVEIRA, Nanci V. "A arqueologia do conflito no Brasil". In: FUNARI, P. P.; ZARANKIN, A.; REIS, J. A. **América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008. p. 141-149.

GAMA, Elizabeth Castelano. **Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei é este? Trajetória de Joãozinho da Gomeia (1941-1971)**. Duque de Caxias/RJ: APPH-CLIO, 2014 (Série Recôncavo da Guanabara, v. 2).

IX TASS. **Arqueologia do passado recente: repensando temporalidades e empirias**. Disponível em:< <https://www.taasibarra.org/page09/>>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

JORNAL DO BRASIL DE 22 DE SETEMBRO DE 1990.

JORNAL ÚLTIMA HORA DE 28 DE ABRIL DE 1960.

KINZO, Maria D'Alva G.. **A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição**. Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 1-11, 2001.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. 10. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MANTELA, Igor Pouchain. **Transição regulatória no transporte por ônibus na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

MEGA, Orestes Jayme; RIBEIRO, Wagner dos Santos; LOPES, Melina Figueiredo. **"Possibilidades de uma arqueologia 'sincrônica': ensaio sobre a arqueologia da 'idade do plástico'"**. In: Revista Tessituras, Pelotas, v. 2, n. 1, jan./jun. 2014, p. 195-212,

MELLO, José André Villas Boas; ORRICO FILHO, Romulo Dante; Soares, Marcus Rosa. **Ocupação do solo e transportes por bondes e trens na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ): da viabilização urbana a crise do sistema**. Revista Espaço & Geografia, Brasília, v. 19, n. 2, p. 323-345, 2016.

OLIVIER, Laurent. **Le sombre abîme du temps. Mémoire et archéologie**. Paris: Seuil, 2008.

PALMER, Marilyn; NEAVERSON, Peter (Eds.). **Industrial Archaeology**. London: Routledge, 1998.

PEREIRA, Rodrigo. **Memórias do Terreiro da Gomeia: entre a materialidade e a oralidade**. Revista Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 101-123, set./dez. 2017.

PEREIRA, Rodrigo. **Candomblé: história, cultura e materialidade**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

PEREIRA, Rodrigo. **“Fazer-se criança no candomblé: infância, educação formal e gênero: visibilidades no registro arqueológico”**. In: Revista de Arqueologia, 2018b (no prelo).

PEREIRA, Rodrigo; MOURÃO, Tadeu; CONDURU, Roberto; GASPAR, Anderson; RIBEIRO, Maíra. **Inventário nacional de registro cultural do candomblé no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Musas Projetos Culturais/IPHAN, 2012.

PIATTI, Tânia Maria; RODRIGUES, Reinaldo Augusto Ferreira. **Plásticos: características, usos, produção e impactos ambientais**. Maceió: EDUFAL, 2005.

PIVA, A.M.; WIEBECK, H. **Reciclagem do plástico**. São Paulo: Artliber, 2004.

SOUZA, Rafael de Abreu e. **Um lugar na caatinga: consumo, mobilidade, e paisagem no semiárido do Nordeste brasileiro**. 346 fl. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade). Programa de Pós-graduação em Ambiente e Sociedade. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade estadual de Campinas, Campinas/SP, 2017.

ROCHA, Agenor Miranda. **As nações Kêtu: ritos e crenças: os Candomblés antigos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

PROJETO CENTRO CULTURAL JOÃOZINHO DA GOMEIA. Disponível em: <http://ccjgomeia.blogspot.com.br/2010/11/luta-pela-gomeia-e-o-resgate-da_26.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

RIÔNIBUS ANTIGO. **A utilização das fichas**. 23 de abril de 2014. Disponível em: <<http://rionibusantigo.blogspot.com.br/2014/04/a-utilizacao-das-fichas.html>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

SCARLATO, Francisco Capuano. **População e urbanização brasileira**. In: ROSS, Jurandy L. Sanches (Org.). Geografia do Brasil. 6. ed. 1 reimp. São Paulo: Editora USP, 2011.

SCHIFFER, M. B. **Archaeological context and systemic context**. American Antiquity, Washington, DC, v. 37, pp. 156-165, 1972.

SCHWARZ, L.B. **Reciclagem de plásticos: aspectos técnicos, mercadológicos e de meio ambiente**. Anais do 5º Congresso Brasileiro de Petroquímica, Rio de Janeiro, 1992, s/p.

SILVA, Lúcia. **Entre laranja e gente: notas preliminares sobre urbanização na Baixada Fluminense (1910/40)**. Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. São Paulo, 22 a 26 de maio de 2017, p. 1-18, 2017.

SOUZA, Rafael de Abreu e. **Um lugar na caatinga: consumo, mobilidade, e paisagem no semiárido do Nordeste brasileiro**. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, p. 346, 2017. (Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ambiente e Sociedade) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade estadual de Campinas, Campinas/SP, 2017.

TILLEY, Christopher; KEANE, Webb; KUCHLER, Susanne; ROWLANDS, Michael; SPYER, Patricia (Eds). **Handbook of Material Culture**. Sage: London, 2006.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO RIO DE JANEIRO. **Resultado de Eleições. Eleições de 1990**. s/d. Disponível em:< http://www.tre-rj.jus.br/cemel/jsp/resultado_eleicoes.jsp>. Acesso em 2 de abril de 2018.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Eleições anteriores**. s/d. Disponível em:< <http://www.tse.jus.br/eleitor-e-eleicoes/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-anteriores>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

VOSS, Barbara L. “**Matter out of time: the paradox of the ‘Contemporary Past’**”. In: *Archaeologies*, v. 6, n. 1, 2010, pp. 181-192.

ANEXO: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DOS MATERIAIS PLÁSTICOS DE TRANSPORTE



Material número 7.1 (324), ficha de ônibus.



Fotografia da ficha da empresa São Ricardo para comparação, conforme *site* consultado.



Material número 7.1 (325), ficha de ônibus.



Fotografia da ficha da empresa Viação União para comparação, conforme *site* consultado.



Material número 7.1 (326), ficha de ônibus.



Fotografia da ficha da empresa Auto Viação Caxias para comparação, conforme *site* consultado.

Fonte: Acervo do autor (2017) e dados do *site* RiÔnibus Antigo (2018).